



O cinejornal e o registro da memória e do patrimônio cultural na Serra da Bodoquena¹

Lairtes Chaves RODRIGUES FILHO²

Ruth Penha Alves VIANNA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS.

Resumo

O presente trabalho apresenta a proposta de estudos da pesquisa de iniciação científica desenvolvida em Mato Grosso do Sul no levantamento de informações, registros e materiais audiovisuais que integrem a malha de produtos culturais que historicamente marcaram a construção da cultura e identidade sul-mato-grossense pelo conteúdo noticioso dos cinejornais, especificamente na região da Serra da Bodoquena. Levantar o registro e a presença de tal elemento torna-se fundamental para preservar: a memória e a construção histórica da população sul-mato-grossense em seus primeiros acessos a informação audiovisual, as leituras que dessa informação e o impacto do 'estar representado' nas telas do cinema enquanto território e cultura integrante da matriz cultural nacional.

Palavras-chave

Cinejornal; Regionalidade; Patrimônio Histórico; Comunicação.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Iniciação Científica em Comunicação – Intercom Jr. – II 04 – Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/UFMS. Graduando em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. Pesquisador do Núcleo de Audiovisual (CNPq) e da Cooperação Internacional Brasil-Espanha. E-mail: lairtes.filho.seeker@gmail.com

³ Orientadora. Pós-Doutora. Doutora em Audiovisual pela Universidad Autónoma de Barcelona. Professora Adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenadora do Núcleo de Audiovisual e da Cooperação Internacional Brasil-Espanha. E-mail: viannar@terra.com.br



Introdução

A Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010, que institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, determinou por princípios:

- I - liberdade de expressão, criação e fruição;
- II - diversidade cultural;
- III - respeito aos direitos humanos;
- IV - direito de todos à arte e à cultura;
- V - direito à informação, à comunicação e à crítica cultural;
- VI - direito à memória e às tradições;
- VII - responsabilidade socioambiental;
- VIII - valorização da cultura como vetor do desenvolvimento sustentável;
- IX - democratização das instâncias de formulação das políticas culturais;
- X - responsabilidade dos agentes públicos pela implementação das políticas culturais;
- XI - colaboração entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento da economia da cultura;
- XII - participação e controle social na formulação e acompanhamento das políticas culturais.

Tendo em vista a atual lacuna existente em Mato Grosso do Sul da ausência do registro da memória histórica e cultural local, a Universidade surge como entidade responsável pela instrumentalização do direito à informação e à democratização do conhecimento da história da própria população, mediando os processos de difusão e preservação da mesma.

O jornalismo como agente construtor da realidade (TRAQUINA, 2005) tem por função social o registro dos fatos e a difusão especializada do conhecimento. Por outro lado, a imprensa e os meios de comunicação tendem a se preocupar com a rotina e as informações correntes dos critérios de noticiabilidade, como atualidade,



periodicidade, verossimilhança (WOLF, 1999), deixando falhas no que compete à memória nem tão recente.

Nesse contexto de atribuições, princípios, função social da universidade e do jornalismo na preservação do patrimônio cultural brasileiro, decorre um objeto de pesquisa fundamental: a presença e influência dos cinejornais e dos cinemas no estado.

O cinema chega no Brasil e, especificamente em Mato Grosso do Sul, cerca de 50 anos da chegada da televisão, que se consagrou como meio de comunicação de massa popular depois da década de 80. Da mesma forma, o telejornal, principal veículo informacional e noticioso da população, surge em consequência do nascimento da televisão. Mas como se dava o acesso à informação noticiosa no país e no estado antes disso?

As telas e salas de cinema eram o principal recurso audiovisual de transmissão em massa das informações, daí a origem dos cinejornais.

Nessas grandes telas onde jornalismo e cinema aproximavam-se em arte, mediados pelo projeto das grandes salas, registraram-se fatos, momentos históricos e formas de representação social e cultural únicas da população local, as quais a própria população não tem acesso, senão pela narrativa oral dos habitantes mais velhos para os mais novos.

Cabe aos pesquisadores da comunicação, pelos instrumentos técnicos do jornalismo, a busca, levantamento, registro, preservação e, principalmente, a difusão da memória e cultura local, como elemento essencial da formação da regionalidade e de bases futuras para estudos da representação social nas primeiras mídias pelos cinejornais do Estado.

Em conformidade com o PNC, as pesquisas de análise e presença dos cinejornais devem buscar reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica e regional brasileira, pelo resgate e preservação dos registros e relatos da população sul-mato-grossense por meio da pesquisa da presença e de impactos históricos dos cinejornais no estado, como forma de narrar parte da história do jornalismo local, e proteger o patrimônio histórico, artístico material e imaterial da cultura sul-mato-grossense.



Da Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural

A preservação do patrimônio histórico e da memória passou a ser valorizada com mais evidência a partir da década de 1930, mais especificamente com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no governo Getúlio Vargas (Lei nº 378, de 13 de Janeiro de 1937). Com esse estímulo, passaram a surgir, em maior número, Centros de Documentação, em sua maioria a partir dos anos de 1970.

O projeto de preservação da memória e do patrimônio histórico e cultural sul-mato-grossense pelos cinejornais tem como referenciais teóricos estudos desenvolvidos por autores como Lowenthal (1989) e Le Goff (1994), que desenvolvem pesquisas quanto à história e a memória coletiva, respectivamente.

Para Lowenthal (Op. Cit.), a memória pode ser entendida como um processo que colabora na projeção de um futuro, balizado pelos contextos históricos do passado. “Memória, história e relíquias constituem metáforas mútuas”, ou seja, fontes de conhecimento.

A importância de se conservar documentos, depoimentos, imagens e áudio, ou um suporte material é imprescindível, pois permite registrar o pensar, o sentir, a história, os saberes de uma comunidade em determinado período.

Para Zilda Kessel (2011):

O conceito de memória vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância. A invenção da imprensa, com tipos móveis, e a urbanização, com mudanças fundamentais na organização e nas relações sociais, nas atividades, papéis e percepções do indivíduo, trarão mudanças importantes para a memória individual e coletiva. De uma sociedade baseada na transmissão oral dos saberes necessários ao trabalho e à vida em grupo, novas ocupações relacionadas ao comércio e à vida nas cidades demandam registros de operações, de listas, de transações.

Desenvolvem-se a partir daí, artifícios cada vez mais sofisticados para guardar e disseminar a memória em textos e imagens. Este processo culmina com o



computador, capaz de guardar grandes quantidades de informações e abarcar todos os meios inventados anteriormente para registrar e armazenar a memória.

Le Goff (Op. Cit.) também compartilha essa linha teórica explicando que a memória coletiva tem a função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo, no campo simbólico.

Outro referencial teórico para o estudo da preservação do patrimônio histórico e cultural dá-se no Plano Nacional de Cultura, aprovado em 2010, pela lei nº 12.343, que a partir de doze princípios traça as principais características.

Os Cinejornais no Brasil e em Mato Grosso do Sul

Maia (2005) atenta para a orientação histórica de que as pessoas com pelo menos 30 anos, tem no cinema uma imagem não meramente de entretenimento, mas de informação, na “[...] a oportunidade de ver, em cinemascope (imagem panorâmica desenvolvida em 1953), além das notícias da semana, o futebol brasileiro”.

O segredo era a técnica aliada a uma linguagem poética, expressiva, combinando som e imagem de forma nunca antes vista no Brasil no caso do Cinejornal 100.

O autor, afirma que a experiência de levar a notícia para as telas aconteceu de forma rotineira, em 1909, em Paris. O Pathé Journal foi o primeiro periódico. Antes, dele apenas documentários com temas isolados podiam ser vistos no cinema. O primeiro jornal cinematográfico surge no Brasil em 1912, e é a versão brasileira do Pathé Journal. Até 1935, o país contava com nada menos que cinquenta cinejornais. Maia admite, porém, que temos que admitir que a maioria dos cinejornais não apresentava nenhum requinte estilístico, por serem, na sua grande maioria, fonte de recursos para pretensos cineastas – na realidade, empresários de cinema, que pouco estavam preocupados com a elaboração dos cinejornais, mas com a obtenção do maior lucro possível.



Durante o Estado Novo, esses informativos ganham mais força com a obrigatoriedade de sua exibição, quando surge um periódico oficial, o Cinejornal Brasileiro, que se tornou o grande instrumento de culto à imagem do então presidente Getúlio Vargas.

Maia (2005) afirma que:

Os cinejornais se dedicavam ao registro de dois temas, particularmente, o “ritual do poder” e o “berço esplêndido”. O primeiro é uma referência às filmagens dos eventos políticos, das paradas militares e das inaugurações; e o segundo é a glorificação da imagem do Brasil maravilha, contemplando as belezas naturais e cultuando o ufanismo.

Assim no final da década de 1950, durante o governo JK, surgiram vários cinejornais com o objetivo de cobrir a construção de Brasília, sendo o Canal 100 um deles. No entanto, a maior parte desses periódicos desapareceu.

A reação positiva dos espectadores às imagens do Canal 100 era facilitada pela noção de realidade dada pelo conteúdo jornalístico. As imagens da semana, apresentadas como em uma revista de variedades, fez com que o Canal 100 se tornasse o grande inovador do cinejornalismo brasileiro.

A inovação na forma foi significativa, pois, pela primeira vez, um cinejornal deixava a postura séria e tradicional, sacralizada pelo Estado Novo, e propunha uma roupagem nova, introduzindo uma série de tópicos variados, com uma imagem jovial e leve. Apesar de registrar cenas das grandes manifestações do movimento estudantil, como a passeata dos Cem mil, as telas dos cinemas mostravam algo diferente, lá estavam as realizações governamentais, as imagens do Rio de Janeiro, a praia, as belas mulheres e, como não poderia faltar, o futebol.

O autor narra que o início dos anos 1980 trouxe grandes mudanças, tanto para a realidade política brasileira, quanto para os cinejornais, o fim do governo militar coincide com o fim do Canal 100. A experiência do jornalismo cinematográfico atingia um desgaste limite. Sem o auxílio econômico das instituições governamentais, não era mais possível manter um cinejornal em um mundo dominado pela televisão.



Em Mato Grosso do Sul, a experiência dos cinejornais foi notória, enquanto ainda estado de Mato Grosso, considerando a separação do estado em 1977. Apesar da presença constante de imagens de cidades da região nos cinejornais que passavam por todo o território nacional, não há registro ou arquivo dos mesmos em território estadual.

O conhecimento da importância, da representação e da experiência do cinejornalismo no estado dá-se apenas por relatos orais das populações que utilizavam-se quase que exclusivamente das telas de cinema para receber notícias e informações sobre o que acontecia na nação desde o governo Vargas até o final da década de 80.



Imagem 1. Aparelho de projeção utilizado no CineJardim até 1989, disponível para visitação no museu da CER-3 em Jardim-MS. Foto: Lairtes Chaves

O estudo dos cinejornais como produto audiovisual informativo, compreende o entendimento do processo histórico de formação e construção da realidade no território de Mato Grosso do Sul. Enquanto a televisão chega ao Brasil na década de 50 e se populariza apenas na década de 80, o cinema, existe desde 1906 e, no estado, desde a década de 20. Considerando o perfil social e econômico da população que historicamente vem evoluindo de uma sociedade ruralista, não-alfabetizada, a notícia emplacada pelas grandes telas, estabeleceram-se até a popularização da televisão como instrumento único de informação.



Utilizado como ferramenta de construção da imagem do governo frente a população, como elemento obrigatório por lei na Estado Novo, durante a era Vargas e, fortalecido no período do governo militar, os cinejornais descobriram e desenvolveram os primeiros passos das estratégias persuasivas de discurso para o marketing político e, reprodução de estereótipos e valores considerados úteis a sociedade da época pela classe de poder.

Apesar de sua importância, pouco tem se estudado sobre o assunto no país e, não há registros acerca das narrativas e das reproduções imagético-sonoras no estado. Compreender a maneira como a sedução do audiovisual no cinema, emplacou informações e representações das classes sociais e de poder na construção da realidade sul-mato-grossense, é, entender o desenvolvimento de todo o estado, e da própria popularização da televisão e seus produtos comunicativos como comunicação de massa.



Imagem 2. Roleta do CineJardim marcando a quantidade de pessoas que visitam o cinema até sua demolição. Foto: Lairtes Chaves

Nessa pesquisa em especial, destaca-se a região da Serra da Bodoquena, formada pelos municípios de Jardim, Guia Lopes da Laguna, Bonito e Bodoquena, vista sua importância histórica para o estado, na ocasião da retirada da Laguna no século 19 e, a convalidação das diversas etnias e minorias presentes na região.

Abrigando populações indígenas como Terenas, Kadiwéu e Guarani, além de paraguaios residentes, fazendeiros e peões, e o pantaneiro como homem histórico, entender o processo de construção imagética e mítica da realidade e imaginário nessa



região partir de como essas minorias se vêm e reproduzem em comportamento as informações agregadas dos valores impostos nas grandes telas é fundamental para narrar posteriormente a formação pós-moderna dessas populações e o desenvolvimento da narrativa jornalística e audiovisual no estado.

Metodologia

A pesquisa dos cinejornais da região da Serra da Bodoquena, desenvolve-se em momentos específicos e diferenciados.

Num primeiro momento levantou-se material bibliográfico da história do estado e suas minorias na região da Serra da Bodoquena e gravações do material audiovisual dos cinejornais que passaram nas telas do estado, de onde foram encontrados 4 salas de cinema – duas em Jardim, uma em Guia Lopes da Laguna e uma em Bonito.

Depois, desenvolve-se na análise do discurso da escola de Paris, conforme o método de Charaudeau (2002), quais os discursos hegemônicos presentes da reprodução ou presentes da ausência de informações e representações nos cinejornais, a fim de compreender discursivamente em estrutura e conteúdo, o estabelecimento da construção social da realidade pela persuasão informativa do cinema.

Também trabalhar na perspectiva de Rodríguez Bravo (2006) a fim de diagnosticar o desenvolver técnico e estético do produto do cinejornal e, de valores, tangente aos estudos do sensível na comunicação e no jornalismo (SILVA, 2010), de modo a estabelecer como a informação recebeu aceitação e aplicação nas práticas sócias de representação numa possível estratégia de construção de protocolo de Quality Communication (QC).

Por último, após a coleta de dados e levantamento de material e, eventual análise, prevê-se a produção de artigos científicos para apresentação em congressos internacionais, nacionais e estaduais como meio de difundir a memória e a pesquisa audiovisual no estado.



Considerações Finais

Enquanto objetos de estudo, os cinejornais representam a mística e técnica do cinema, na preocupação e compromisso do jornalismo do início do século, ainda que utilizado em sua maior parte como aparelho ideológico de formação de opinião pelos governos.

A integração primária de áudio, imagem e a técnica cinematográfica de unir elementos do real com as produções com fins representativos, como elemento documental, permitiu o registro histórico e social das populações e identidades culturais mutantes durante o século que devem ser resgatadas e estudadas, para entender os comportamentos e realidades construídas da atualidade.

A pesquisa, que segue até julho de 2012, deve integrar como resultados e produtos da investigação, a compilação de depoimentos e imagens do patrimônio imaterial e da memória coletiva da região em um vídeo-documentário e livro-reportagem, nos moldes do jornalismo que se preocupa com o registro e com o fomento da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Referências Bibliográficas

BARUFFI, Alaide Maria Zabloski. **Estudo das mensagens de telejornais e suas contribuições para a educação**. 1993. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e sociais. Departamento de Educação, Campo Grande, MS, 1993.

BERTINI, Alfredo. **Economia da cultura: a indústria do entretenimento e o audiovisual no Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2008. 221 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

GONZAGA, Adhemar; GOMES, P.E. Salles. **70 anos de cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966. 159 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

INOJOSA, Joaquim. **60 anos de jornalismo: 1917-1977**. Rio de Janeiro: Ed. Meio-Dia, 1978. 226 p.



KESSEL, Zilda. **Memória e memória Coletiva**. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2011.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p. 423-483.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: University Press, 1989.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. **Canal 100 – A História de um cinejornal**. Projeto História. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. PUC-SP. V. 35. PUC-SP: São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2228/1329>>. Acesso em 15 de outubro de 2011.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Ciclo de cinema: entre histórias, teorias e reflexões**. Campo Grande, MS: UFMS, 2010. 92 p.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n.10, 1992.

RODRÍGUEZ BRAVO, Angel. **La dimensión sonora del language audiovisual**. Barcelona: Paidós, c1998. 270 p.

SANTOS DE MIRANDA, Danilo (org.). **Memória e cultura – A importância da memória na formação cultural humana**. Edições SESC SP, 2007, 304 p.

THOMPSON, James S. **Anatomia da comunicacao**. Rio de Janeiro: Block, 1973.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. 2ª ed. V. 1. São Paulo: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Ed. Presença, 1999.

WORCMAN, Karen e VASQUEZ PEREIRA, Jesus (org.). **História Falada – Memória, rede e mudança social**. Edições SESC SP, 2006, 284 p.